

17-07-2020

“Diário de Bordo”: AC e DC tem significado diferente?

Annibal Coelho de Amorim

[Médico. Doutor em Saúde Pública]

O mundo é muito curioso: ciclos históricos tendem a se repetir. O Brasil, lenta e perigosamente, se transforma em um “transatlântico sem rumo”. Perdeu o radar e o mapa náutico. Não existem mais os sextantes, aparelhos com olhos nas estrelas, que guiavam navegantes e capitães para aportar em lugares seguros. O sextante [inventado em 1757 por um oficial da Marinha Inglesa] foi feito para medir a abertura angular de um astro e o horizonte terrestre, ajudando na navegação. Foi adotado por marinheiros há mais de 200 anos e usado no mundo todo. Tempos atrás, exploradores de “mares nunca d’antes navegados”, falavam que monstros enormes habitavam oceanos. Quando navios não voltavam ao seu destino, reforçava-se a ideia de que tinham sido “engolidos por seres abissais”. Nesse período, atingir o horizonte representava mau agouro, pois o “abismo engolia a todos”, já que a Terra era plana (como até hoje é, para alguns, digamos, idiotas).

O tempo passou, sextantes são peças de museus e capitães dos navios de hoje não se guiam pelas estrelas. São guiados por ultra computadores. Outro problema dos antigos navegadores eram as doenças (escorbuto, cólera, varíola, leptospirose). Febres desconhecidas vitimavam tripulantes e capitães. Para evitar que o problema se espalhasse, jogavam passageiros mortos pelo tombadilho “sem cerimônia”. Pois eu sou um dos passageiros do “transatlântico Brasil” e aviso aos navegantes que a doença que atinge hoje nosso barco, pr’além da falta de rumo, é o mortal Covid-19. E o “capitão do barco” está “desnortado” e vaga pela embarcação com um discurso confuso. Outro dia, de máscara, em um dos corredores cruzei com passageiros, sem máscara, que comemoravam não sei o quê. Percebendo que eu escutava, um deles me perguntou agressivo: “o que está olhando, é da imprensa?” Dei de ombros e segui em frente enquanto os tipos me olhavam de longe. Dizem por aí que o capitão tem convidados especiais, que estão por perto quando ele conversa com tripulantes ou seus “fiéis” admiradores, que se juntam perto da ponte. Na minha cabine econômica, procuro usar o tempo para escrever este “diário de bordo”, pois esta viagem pode ser mais longa do que se imagina, enquanto a tripulação e o “comando” batem cabeças.

Me contaram que andaram procurando sextantes a bordo. Minha cabine, com a escotilha aberta permite sentir a brisa do mar, olhar o horizonte e as estrelas, que, no passado, além de guiar navegadores, embalavam sonhos e descobertas. Eu, acalanto sonhos de achar porto seguro.

Enquanto isso não acontece, olho estrelas e lembro de canções de artistas e bandas e, entre o clássico e progressivo, gosto do que fala de “céu e de estrelas”.

Ao olhar pela escotilha, relembro Bowie e o disco “Ziggy Stardust and Spiders from Mars”, com canções inesquecíveis que falam de espaço.

O transatlântico move-se sem destino, enquanto tenho a sensação que minha cabine está parada no tempo. Lembro da canção “Space Oddity”, que remete aos problemas de um astronauta que de sua nave tenta contatar a Terra. É o sonho e o pesadelo de “não ter contato” permanecendo isolado. “Ground control to Major Tom”, diz a letra de Bowie, em sua odisseia no espaço, enquanto me dou conta que, no momento, esta escotilha, é o meu “ponto de fuga”. Ouço alguém tossindo no corredor e retorno à realidade.

Antes de fechar a escotilha, percebo que, “havia embarcado em odisseia espacial” e fui lançado de volta a uma “ilha”, metáfora para a minha cabine, com o meu diário, sobre o meu isolamento devido ao Covid-19, necessário para barrar a sua propagação no transatlântico Brasil. Todos estabelecem roteiros de sobrevivência, individuais ou coletivos. Registro em meu diário mais um dia na cabine: o Covid-19 é também um “estranho”, um “estrangeiro” no navio que nos obriga a adotar atitudes diante de sua presença. Em “ilhas” voluntárias ou compulsórias, pode haver sofrimento, porque somos seres gregários, por natureza. Já pensei em colocar mensagem numa garrafa e lançar ao mar com pedido de socorro. Desisti porque garrafas ao mar com mensagens é da época dos sextantes. Melhor resistir por aqui com meu diário e minha cabine“ Do lado de fora da cabine, o capitão continua desnortado aprontando.

Ora faz discursos confusos aos passageiros, ora dá ordens contraditórias a subordinados, e quando implementadas ele as contraria com “histórias dos tempos em que os mares engoliam os navios”.

Parece que está sempre em “conflito interior” sobre que norte deve seguir. “Vai por aqui, OK?”

E o pessoal vai, e, de repente muda o curso e o “transatlântico vai e volta”, causando uma sensação muito estranha a todos. Dá a impressão que o capitão nunca embarcou em um navio daquele porte, parecendo acostumado com barcos pequenos para pescar tainhas em águas proibidas. E AC e DC o que significa? Antes e Depois de Cristo, longe das escrituras, hoje pode significar “antes e depois do Corona” ou, na pior das hipóteses, “antes e depois do capitão”, porque essa história pode acontecer com qualquer “transatlântico” mal comandado, com “comandantes sem histórico e conhecimento de causa”. De bordo a estibordo, DC deixa em cada embarcado uma sensação estranha.

continua

<p>Alguns preferem ficar em cabines rezando e outros vão para festinhas no grande salão. Passageiros com passagens econômicas, se preocupam muito por ter que manejar dois problemas ao mesmo tempo: o Corona e o Capitão. Fala-se à boca pequena que “há risco de motim”: “não podemos deixar o “navio sem rumo”, dizem ao se surpreenderem quando o capitão descendo da ponte, megafone na mão, grita que “o Corona é um vírus vagabundo”, dizem que adora esta expressão. No clássico “História da Loucura”, Foucault relembra os embarcados em “naus errantes”, que transportavam loucos, delinquentes e outros excluídos da sociedade. No passado, exploradores traziam nas galés homens e mulheres como escravos, para em terra firme, obrigá-los ao trabalho servil de senhores afortunados. Em pleno III Milênio, pergunta-se: já assistimos pessoas vulneráveis e excluídas entregues ao despreparo de alguém não talhado para cargo de “capitão de transatlântico”?</p>	<p>Na viagem aos confins dos mares, com um “navio sem rumo”, quem sabe como a história vai terminar? Vocês tem alguma pista para onde estamos indo? Nas suas opiniões, AC e DC significam exatamente o quê? Independentemente de ACs ou DCs, espero que as estrelas estejam posicionadas e que possam conduzir este enorme e atrapalhado “transatlântico” a um rumo seguro. Ao escrever a página 2020 do diário de bordo, ouço a voz inconfundível do “capitão” (monossilábica e pobre em concordância) perguntando irritado: “Alguém, nessa droga de barco, tem um sextante?” “Alguém, nesse barco vagabundo, tem alguma ideia de quando eu vou sair daqui?” Parei, sentei e, para não chorar, ri de pena do pobre coitado, entregue à própria sorte, ou seria azar? ■ ■ ■</p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	